

1. As questões monetário-financeiras assumiram nos últimos tempos uma grande projecção. Do reduto tecnocrático das "elites" desceu à rua, passou a ser tema de conversas, debates e preocupações quotidianas, transformou-se num doloroso agravamento das condições de vida dos trabalhadores, em crescentes dificuldades para a pequena e média burguesias. Aumentou a atenção por estas questões mas não aumentou o esclarecimento oficial, a informação objectiva. O "esclarecimento" faz-se inexorável através de situações de facto que vão "empacotando" as possibilidades de uma vida digna e optimista para o nosso povo.

O Fundo Monetário Internacional encontra-se no cerne de toda a problemática económica actual na medida em que é o canal previligiado ^{para a} dependência crescente do ^{nosso} sistema monetário-financeiro, e não só, do imperialismo. É uma "vedeta" não por ser uma peça inevitável na resolução dos problemas económico-financeiros do nosso país mas porque a tal foi erigido por uma política de subordinação ao grande capital e de alienação da soberania nacional efectiva, pela incapacidade de governar em estreita comunhão de interesses com a maioria do povo português.

A catadupa de propaganda mistificadora é enorme mas a história do FMI é suficientemente concludente para trazer à tona a realidade e ^{permitir} descortinar qual o ^{nosso} futuro do nosso país na eventual ^{insustentável} continuação da política actual. Desde o seu início o FMI tem sido o centro de coordenação da política monetário-financeira dos países capitalistas dominantes, o centro supra-nacional do grande capital financeiro, embora impotente para controlar as suas contradições internas: Os EUA e o Reino Unido e seus satélites fantoches têm maioria absoluta nas decisões e ~~o~~ o primeiro ^{segundo tem} capacidade de veto. Anunciam a sua preocupação em "promover o progresso económico" dos países subdesenvolvidos mas a sua ^{orientação} ~~política~~ fundamental tem sido a sustentação do dolar como moeda internacional, dadas as vantagens que tráz para o país emissor, e a canalização dos seus recursos fundamentais para as metrópoles imperialistas (por exemplo, em meados da década passada, quando de uma das crises da libra, 44% de todas as operações monetárias foram de apoio à Inglaterra; quando dos prelúdios da desvalorização do dolar cria em benefício dos EUA os Direitos de Tiragem Especial — DTE). O FMI surge em muitos casos, como acontece com o empréstimo actualmente em negociação com o Governo português, como ^{intermediário em} ~~parte da negociação~~ acordos complementares de empréstimos feitos pelo Banco Mundial e instituições privadas dos países capitalistas e como instituição previligiada para, em nome dos interesses comuns do grande capital que representa, exercer pressões sobre a política ge-

ral e financeira dos Governos solicitadores de empréstimos. A sua actuação tem si-
 do sempre caracterizada pela busca de um reforço de relações de produção capitalis-
 tas nos países dependentes com quem negoceia e de um aumento de integração no mer-
 cado mundial capitalista: as suas propostas tendem a detiorar as relações de troca
 internacional desses países, a aumentar a sua dependência do mercado externo (as-
 pecto concomitante de um estreitamento do mercado interno fruto do agravamento das
 condições de vida dos trabalhadores), ^e a facilitar a venda das mercadorias dos paí-
 ses altamente industrializados: assim, por exemplo, enquanto anti-peritos do gran-
 de capital defendem para Portugal um "consumo industrial no âmbito de uma economia
 aberta, mantendo baixas as tarifas alfandegárias e evitando o uso de restrições
 quantitativas das importações" ^{alguns} países ^(capitalistas) europeus contingentam as nossas exportações
 de, por exemplo, têxteis, ^e ~~ampliando~~ a nossa balança comercial e de pagamentos ~~se~~
~~agrava~~ ^{agrava} dia a dia. Para conseguirem os seus intentos defendem a desvalorização das
 moedas, particularmente úteis para as multinacionais (Portugal com duas desvalori-
 zações num ano está ^{ainda} ~~muito~~ aquém de outros casos tristemente históricos de quase
 permanentes desvalorizações), a liquidação das empresas nacionalizadas, que desi-
 gnam por "indústria artificial", e ^a diminuição de intervenção do Estado: ~~é~~ é comum
 o M.I. "recomendar" aos governos fecharem as empresas nacionalizadas que eles inti-
 tulam de "deficitárias" ou fazer-lhes diminuir os subsídios ^{a propósito} e não nos ~~podemos~~ esque-
 cer ^{as} ~~as~~ afirmações ^{desse teor preferidas pelo} ~~do~~ Governo, assim como das insistentes solicitações
 para ^a ~~utilização de~~ ^{utilização de} o sector não-capitalista no desenvolvimento económico, para "a
 limitação da intervenção do governo no sector privado", para que "as funções do
 Instituto das Participações do Estado" seja circunscrito, etc. ^{Defendem o congelamento} ~~de~~ dos
 salários e ^(articulado) aumento do desemprego, muitas vezes ^{com} uma política inflacionista, co-
 mo acontece presentemente em Portugal: brutal diminuição dos salários reais e meio
 milhão de desempregados. Quando os prazos de pagamento aproximam-se e as dificulda-
 des aumentam ampliam-se as exigências — aconteceu, por exemplo no Ceilão em 1970,
 acontece hoje em Portugal. Tudo isto é, muitas vezes, acompanhado da exigência da
 instauração de um "poder estável e durável", um "governo forte" que garanta a ren-
 tabilidade sem riscos do capital estrangeiro — recorde-se as escandalosas facili-
 dades dadas ao grande capital "nacional e internacional" no Código do Investimento
 Estrangeiro do Pacote 2 — o que tem contribuído (por exemplo, em alguns países da
 América Latina) para a instauração de regimes fascistas.

2. Muitas vezes os ideólogos do imperialismo pretendem encobrir todo este mundo de crimes e exploração do FMI sob a capa da sua capacidade técnica. ^{E' evidente que, na medida em} ~~É evidente que~~ que ciência económica não é neutra ~~comprova~~ afirmado anteriormente só ^{permite de imediato concluir que,} ~~permite de imediato concluir que,~~ quando muito, ^{podemos estar} perante a "capacidade de gestão do grande capital" e a "incapacidade de resolução dos problemas ^(fundamentais) dos povos", ~~mas também~~ Os factos ^(quanto à sua incapacidade de resolução das contradições) são concludentes, quer numa visao geral, quer na apreciação do caso português.

A ~~uma~~ história da sua actividade é um conjunto de medidas contraditórias entre si ao nível das relações monetárias internacionais: durante anos até 12 de Março de 1968 defende os esforços para ^{a manutenção de} ~~manter~~ preço do ouro ao nível oficial^{mente} estabelecido, e a partir de 15 do mesmo mês aceita^o o duplo mercado do ouro e em Abril 68 defende^o a adopção de um novo sistema de financiamento; em Setembro de 1973, na conferência de Nairobi propõe uma reforma do Sistema Monetário Internacional baseada na existência de cambios estáveis mas ajustáveis, pressões graduais de equilibrio das balanças de pagamento, cooperação na limitação dos movimentos de capitais, simetria das regras de convertibilidade, transformação dos DTE em principal instrumento de reserva e transferência de recurso para países subdesenvolvidos, mas as crises monetárias voltaram a eclodir, ^(as flutuações cambiais sucederam-se) as balanças comerciais não se ^{equilibraram} ~~equilibraram~~, a especulação continua^o a fazer-se e em junho de 1974 punham de lado esse programa e recomendavam um "programa urgente de medidas" em 12 pontos; ~~procuraram~~ fazer dos DTEs uma nova moeda internacional, mas esses títulos emitidos pelo FMI não são uma moeda de pagamento de saldos mas ^{Sim} ~~uma~~ uma nova forma de crédito entre Estados que trouxe grandes benefícios ^{aos} ~~para~~ EUA. Para resolver as situações graves os expedientes (acordos swaps, empréstimos a médio prazo Roose, etc) têm-se sucedido mas sem grandes frutos. As suas políticas têm-se orientado para a redução do mercado interno dos países solicitadores de empréstimos e agora choram lágrimas de crocodilo defendendo o alargamento dos mercados internos.

Quanto à sua intervenção nos países Rhomberg escreveu: "Os financeiros americanos que controlam e dirigem o FMI vigiam cuidadosamente para que os governos dos países com falta de divisas, mesmo por culpa do Fundo Monetário Internacional, acabem sempre por pedir-lhe ajuda; nesse caso os americanos exigem como condição prévia que se proceda a reformas monetárias; exigem desvalorizações como condição indispensável ao acordo de empréstimos de alguns milhões de dolares; uma tal desvalorização é um prelúdio de outras medidas desse género e provoca inevitavelmente um aumento de custo de vida e uma inflação em espiral". Escrito em 1966

para a América Latina continua a ter total validade para hoje em Portugal. A "coerência" do FMI fica pela ruína dos trabalhadores, pelo enriquecimento da oligarquia financeira internacional apoiada pelos monopolistas de cada país.

Justificando-se com a balança de pagamentos procedeu-se à primeira desvalorização do escudo mas a própria Secretaria de Estado do Planeamento vem a reconhecer, em referência ao mês de Agosto, que "o saldo da balança comercial atingiu nível superior ao do ano transacto em cerca de 93% (valores acumulados). O crescimento das remessas de emigrantes e das receitas de turismo é mais modesto do que sugerem os crescimentos expressos em escudos atendendo aos efeitos da desvalorização. As remessas dos emigrantes continuam a ter uma evolução sazonal semelhante ao ano transacto. Os preços sobem assustadoramente particularmente nos períodos seguintes às desvalorizações. Os aumentos das taxas de juro agravaram as dificuldades económicas de muitas empresas, ^{evitaram} não ~~causando~~ o "desfasamento em relação ^{à evolução das} ~~monetárias~~" ^{(Generalizou-se a "fuga ao escudo" e a} ~~monetária~~ nem teve efeitos sensíveis nos depósitos. ^{de} ~~de~~ especulação monetária continua, alimentada pela segunda desvalorização e ^{esta} ~~esta~~ forma. ^(como foi acentuada) O "barómetro conjuntural" continua a anunciar depressão e a crise financeira agudiza-se. O já falado Pacote 3 continua, pelo que tem vindo a público, a escamotear os problemas de fundo e a agravar tragicamente as condições de vida da grande maioria dos portugueses.

A sua incapacidade é o resultado directo da defesa do capitalismo e do privilégio da "política monetário-financeira" como forma de intervenção sobre a globalidade da economia.

3. A política económico-financeira actual conduz permanente e inevitavelmente a becos sem saída: para se conseguir sistematicamente empréstimos do imperialismo tem que se criar condições propícias para o grande capital, mas isso significa diminuição dos salários reais, concentração e centralização do capital o que se traduz em desemprego e diminuição do mercado interno, logo aumento da dependência do estrangeiro; os empréstimos exigem o pagamento de juros que ^{São} ~~se~~ ^{fora do país} ~~se~~ para ~~os empréstimos~~, logo diminui as possibilidades de acumulação; o reforço da iniciativa privada exigida pelo imperialismo em detrimento do sector não-capitalista agudiza a contradição entre o carácter social da produção e o carácter privado da propriedade além de entrar em antagonismo com qualquer forma de Estado que não seja a do grande capital. Resumindo, para "resolver" os problemas da balança de pagamentos agrava-se a balança de pagamentos, para "defender" a indústria nacional aumenta-se a dependência do estrangeiro.

A política de dependência do FMI é uma política de ruína nacional que não ^{é a contrapartida de} ~~é a contrapartida de~~ heranças de políticas económico-sociais ^{diferentes da actual} ~~actuais~~. Grosso modo podemos considerar nas questões monetárias e de crédito três períodos na última

década: a) Os últimos anos do fascismo em que surgem os primeiros dados de crise monetário-financeira (hegemonia do capital financeiro, actividades especulativas, agravamento dos défices das transacções comerciais com o exterior, do orçamento e do Banco de Portugal, dependência crescente do imperialismo, inflação ^(sérias ameaças à) e estabilidade da moeda ~~cada vez mais ameaçada~~); b) Primeiro ano e meio posterior ao 25 de Abril em que, apesar do agravamento das situações objectivas do capitalismo internacional, ^(em que Portugal se imergia) deram-se importantes passos para a resolução das graves situações da moeda e do crédito — os sistemas monetário e de crédito ^{integraram-se} ~~integraram-se~~ no movimento de democratização da sociedade portuguesa ^(movimentam-se na) e numa passagem a um sistema monetário-financeiro não-capitalista; c) ^{desde o} VI Governo Provisório, ^{incluindo} o actual governo PS em que se tem procurado converter integralmente aos interesses capitalistas os sistemas monetários e de crédito, ponta de lança para a restauração do capitalismo monopolista, com subordinação económico-política ao imperialismo.

As raízes da actual política encontram-se no VI Governo Provisório ^{se alguma herança a influência em continuidade é a do} e ~~tem particular semelhanças com a verificada no primeiro período. De modo que a necessidade de restauração do sistema monetário-financeiro capitalista e de subordinação à oligarquia financeira nacional e internacional é "culpa" do "gongolismo" que se adivinha de lutar pelos interesses da maioria do povo português.~~

4. Existem possibilidades de uma política ^{diferente} ~~distinta~~ alicerçada num esforço nacional, no aumento e diversificação da produção, na ^{despoluição} ~~despoluição~~ do comércio externo, no alargamento do mercado interno, na dinamização do sector não-capitalista.

Existem possibilidades de uma política monetário-financeira diferente alicerçada num certo rompimento com a dependência crescente do sistema monetário-financeiro do imperialismo, com a resolução de múltiplas situações de enquadramento interno do crédito, na defesa da nacionalização do sector bancário e sua reconversão, reestruturação e racionalização, ~~na~~ a sua inserção, institucional e prática, numa política nacional de recuperação económica ^{que passa pela} ~~que passa pela~~ ^{existência de} planeamento, ^{realista} redução do défice da Balança de Pagamentos e ^{pela} ~~garantia~~ dos postos de trabalho.

10/Nov./77

Carlos Pimenta